

Visita-percurso

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Sara Barros Leitão
2021



Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Exterior do Museu do Calçado.

No jardim estão sete caixas de sapatos como se fossem sete marcos, devidamente afastadas umas das outras, com a respetiva numeração (1, 2, 3...), para onde se dirige o público de acordo com o número do seu bilhete, formando sete grupos, com o limite de 7 espectadores por grupo.

VOZ OFF

Olá, sejam bem-vindas e bem-vindos ao Museu do Calçado.

Vamos dar início à visita performativa durante a qual não será permitido comer, beber ou fumar. O uso de máscara é obrigatório em todos os espaços exteriores e interiores. Pedimos que aproveitem este momento para colocarem os telemóveis em silêncio. É mesmo importante que os coloquem em silêncio e não apenas em modo vibração. A luz do telefone e o som da vibração distraem os actores e o público ao seu lado.

Já está em modo silêncio, ou em modo vôo?

Obrigada.

Aproveitamos para lembrar que durante a visita não é permitido tirar fotografias. Acompanhe sempre o grupo em que se encontra e siga as pegadas que fomos deixando para que não se perca no caminho. Havendo necessidades de abandonar a visita antes dela terminar, deverá solicitar o apoio das nossas companheiras que estão junto a cada uma das cenas, elas poderão ajudar-vos.

Boa visita.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

PRÓLOGO

*No passeio que dá acesso à entrada do Museu, estão 20 pares de solas de sapato, afastadas e alinhadas. Ouve-se a música **Mil Pasos**, de Soha. A porta do Museu abre-se e começam a sair os atores pela seguinte ordem: Isabel, Fernanda, Ivanna, José Manuel, Miguel, Rufus, Natália, Maylet, Carménia, Daniel, Lis, António, Xavier, José António, Ana Raquel, Teresa, André, Santiago e Ana Ferreira, que se colocam ordenados, de frente para o público, atrás das respetivas solas. Ficam assim uns segundos.*

De seguida, Isabel, Fernanda, José Manuel, Rufus, Natália, Carménia, Daniel, Lis, Ana Raquel, André e Ana Ferreira abandonam a fila e vão para as suas estações.

Entra Laurinda, um pouco a correr, como se estivesse atrasada. Pega no microfone.

Laurinda – 1, 2... Isto está ligado? Estou sim? Conseguem ouvir-me? Ah, bom. Então é assim, parece que estou atrasada, mas estou neste grupo desde o primeiro dia. A pandemia troca-nos as voltas e aqui não foi exceção. Íamos começar os encontros para este projeto exatamente na semana em que o país fechou, no início deste ano.

Troca vai, troca vem, as semanas foram passando, e tivemos de dar corda aos sapatos.

Foi então que se decidiu começar os encontros no Zoom, que é como quem diz, no computador. Cada um na sua janelinha, sem sabermos se éramos altos ou baixos, gordos ou magros. Uma, duas, cinco semanas, e nós sempre em casa, a ver as casas dos outros através do computador.

Estamos nós finalmente a desconfinar, e mandam-me para casa para fazer isolamento profilático por ter estado com alguém que esteve com alguém que se diz que poderia estar com Covid. Ora, farta de estar isolada estava eu, e o que mais queria era poder fazer teatro. Resumindo: o meu segundo teste chegou ontem e claro que deu negativo. Mas isso já eu sabia, afinal, não tinha sintomas nenhuns! Então, aquilo que eu vos queria dizer é que parece que estou atrasada, mas não estou. Estou aqui desde o primeiro dia! Mas não consegui ensaiar... Quero pedir desculpa a quem me veio ver, sei que estão desiludidos, mas acreditem que vai ser um bom espetáculo... apesar de eu ainda não ter conseguido ver!

*Entra de novo a música **Mil Pasos**, de Soha.*

Cada ator começa a guiar um grupo para a sua estação.

ESTAÇÃO 1

Estátua do Sapateiro

Atores: **Xavier** e **José Antônio**.

De cada lado da estátua do sapateiro vemos dois bancos de sapateiro. Xavier e José Antônio usam avental e têm consigo ferramentas artesanais de sapateiro.

José Antônio – Por onde é que começamos?

Xavier – Por pôr os pregos direitos. Não é assim que todos começaram?

José Antônio – Estou a falar disto, pá. Como é que isto se fazia? Eu julgava que era como andar de bicicleta, mas parece que as minhas mãos desaprenderam.

Xavier – Não é como andar de bicicleta porque eu não sei andar de bicicleta, mas sei fazer um sapato. Tem de deixar que as suas mãos se lembrem.

José Antônio – Fazer um sapato? Olha, estes sapatos foram cortados e alterados por mim em relação ao original, e gaspeados pela minha mulher. Calçando eu 41, na montagem tiveram que ser feitos numas formas que marcavam 39. Claro que a escala de medições dessa coleção de formas tinha de estar mal.

Xavier – A melhor maneira para não se enganar no seu número é contornar o desenho do seu pé numa folha de papel.

José Antônio – Mas de pé!

Xavier – Não! Do seu pé!

José Antônio – Eu sei! Mas a melhor maneira de não errar é se estiver de pé. Porque o pé aumenta. Risca-se à volta do pé e depois mede-se com esta fita de sapateiro. De um lado tem a escala normal, em centímetros, do outro lado, tem a correspondência em números de calçado.

Xavier – Então, sempre é verdade que você trabalhou nos sapatos.

José Antônio – Toda a vida! Olhe que já nem me lembrava! De dia, o dinheiro que fazia era para a minha mãe, de noite ia para outra fábrica fazer o dinheiro para mim. Um dia, outro patrão virou-se para mim e disse: “Vens trabalhar para mim e eu dou-te o calçado todo dos teus filhos.”

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Xavier – E foi?

José António – Fui. Pois claro. Se me pagava mais! No calçado ganha-se muito mal. Uma pessoa tinha de aproveitar. O calçado é uma profissão linda, mas ninguém sonha isso para um filho.

Xavier – É. Mas eu vou continuar a defender o calçado. Para mim, não há vida sem sapatos. Um bom sapato, já imaginou? Um sapato que dure uma vida inteira. Um sapato para toda a vida. Um sapato que aguenta todo o peso do seu corpo. Que o suporta nas boas e nas más notícias. Um sapato que não o magoa, que não o atrapalha. Um sapato tão bem feito que não se estraga, que não o deixa ficar mal. Um sapato feito por mãos. Há lá coisa mais bonita que isso?

José António – E quando as mãos se esquecem?

Xavier – As mãos não se esquecem.

José António – A cabeça! A cabeça esquece-se. A cabeça esquece-se de tudo. Esquece-se do texto que tenho para dizer a seguir, esquece-se dos medicamentos que tenho de tomar, e, com o passar dos dias, vai apagando memórias boas, memórias más, vai apagando tudo até nos esquecermos de que existimos. Desaparecemos. E pronto.

Xavier – Não acredito que seja sempre assim. A cabeça até pode esquecer, mas as mãos não esquecem. É como fazer um sapato, ou como andar de bicicleta.

José António – E de que me interessa umas mãos que se lembram, se a cabeça não sabe o que fazer com elas? Tenho medo de me esquecer de tudo, de deixar de saber o que fazer com as mãos e com a cabeça. Por isso é ando com tudo escrito. Escrevo tudo para não me esquecer de nada.

José António dá a Xavier um monte de papéis todos escritos com apontamentos. Xavier vai lendo.

Xavier – “Nasci nos sapatos.” (*acrescentar coisas da vida de António, misturadas com indicações de como se faz um sapato...*) “A melhor forma de apanhar um caloteiro é não fixar bem a alma do sapato.”, a alma do sapato?

José António – A alma do sapato, exatamente. Todos os objetos têm a sua alma. A alma do sapato é a peça rija que apoia o arco do pé. É a alma do sapato. Se não fixarmos bem a alma do sapato, o sapato passa a fazer um pequeno barulho no andar.

Xavier – E é assim que os sapateiros dizem se aquela pessoa é caloteira ou não.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

José António – Exatamente. Assim, avisam os outros comerciantes para não lhe fazerem fiado. Isto na vida, o mais importante, é sermos uns para os outros.

Xavier – E diz que todos os objetos têm alma?

José António – Todos os objetos e todas as profissões.

Xavier – E como é que eu a encontro?

José António – Isso és tu que tens de responder. Nem tudo o que parece, é. Por exemplo, um sapato. Um bom sapato é feito de pele. Mas pode enganar. Se olharmos só para a parte de fora, podemos ser enganados, porque de fora não dá para ver a alma. Para encontrar a alma, é sempre preciso olhar para dentro. Há por aí muitos sapatos que por fora são de pele, mas por dentro, são sintéticos. Isso não é um bom sapato. O interior não se vê, e por isso ninguém dá valor, mas o interior é o mais importante. Um bom sapato distingue-se pelo interior, e hoje em dia, o que mais vemos por aí são interiores sintéticos.

Xavier – (*pensativo*) Então é como as pessoas! Mas diga-me uma coisa, para encontrar a alma, é sempre preciso olhar para dentro, então como é que eu encontro a alma de sapateiro?

José António – Fazendo a pergunta certa. Olhando para dentro de ti. O que é que te faz querer ser sapateiro?

Xavier – Gosto de olhar para os materiais em bruto, como os legos, e imaginar um sapato que ainda não existe. Gosto de conhecer uma pessoa e imaginar qual é o sapato que ela quer, mesmo que ela ainda não saiba. Gosto de fazer todas as partes do sapato. Demorar o tempo que for preciso. Fazer uns sapatos que ainda não foram feitos. Um único par. Do tamanho certo para aquele pé. Gosto de saber que os sapatos que me saem das mãos não vão magoar aqueles pés. Gosto de imaginar aquela pessoa a andar com uns sapatos feitos por mim. Imaginá-la confortável, confiante, segura. Gosto que essa pessoa nem se lembre que tem sapatos. Pergunta-me o que é que me faz querer ser sapateiro. Não lhe sei responder, só sei que gosto de olhar para os pés das pessoas e imaginar as suas vidas.

(Pausa.)

José António – Um bom sapateiro é como tu, tem de se conseguir meter nos pés das pessoas.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

(olham para os pés dos espectadores.)

Xavier – Eu gostava de aprender tudo sobre o ofício.

José António – Eu gostava de não me esquecer.

Xavier – Ensine-me o que se lembra. É da maneira que o ajuda a recordar.

José António – Não. É da maneira que não deixo morrer. Mesmo quando eu desaparecer.

Xavier – Então, por onde é que começamos?

Abrem cada um sua caixa com um kit cada para começar um sapato. Começam a manusear as peças e as ferramentas. O público avança para a próxima estação.

ESTAÇÃO 2

Estátua Unhas Negras

Atores: **Daniel, Lis e António**

Daniel está substituir um dos trabalhadores representados na estátua que desapareceu.

Daniel – *(para o público)* Eu não sou uma estátua. É importante dizer já isto para não haver confusões. Eu não sou uma estátua. O trabalhador que aqui falta, e que eu estou temporariamente a substituir, foi roubado durante a noite. Ainda se conseguem ver os parafusos no chão. Mas eu não sou uma estátua, e também não sou chapeleiro.

António – *(de chapéu, tirando-o para cumprimentar os espectadores)* Boa tarde. Costumava dizer-se que em São João, um homem sem chapéu era como um galo sem crista.

Daniel – Eu espero que não esteja a meter-se comigo. Se fosse sapateiro, olhava para os sapatos! Como vê, estou a substituir a estátua que foi roubada, e nenhum dos meus colegas está representado com chapéu.

António – Porque estão representados a trabalhar. Não havia homem que não se apresentasse ao trabalho de chapéu, depois tirava-o durante o turno.

Daniel – Tem razão, e essa informação tem todo o rigor histórico. Houve um tempo, em São João da Madeira, que todo o homem usava chapéu, fosse para onde fosse. Podiam andar todos descalços, mas não faltava o chapéu.

António – Exato. Coisa que só muda com a Lei do Pé Descalço, que obriga a que toda a gente andasse calçada. Lentamente, inverte-se a necessidade. Passa-se de cobrir a extremidade superior, para cobrir a extremidade inferior.

Daniel – Vê como sabe! É depois dessa lei que a indústria de calçado em São João começa a crescer, até ultrapassar a dimensão da indústria da chapelaria.

António – Meu caro, não diria que “ultrapassou”, diria que “acompanhou”.

Daniel – Eu também não usaria as expressões “superior” e “inferior” para falar dos chapéus e do calçado!

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

António – Tem razão. Concordamos que ambas as indústrias são belas?

Daniel – Concordamos. E concordamos que são ambas necessárias?

António – Concordamos.

Lis – Boa tarde, cavalheiros. Tenho estado a ouvir a vossa conversa e não posso deixar de intervir. Não para concordar ou discordar, mas para vos dizer que uso chapéu e uso sapatos. Trabalhei aqui, nos escritórios de ambas as indústrias, e tenho de acrescentar um pormenor: fui a primeira mulher a entrar aqui de calças. O que me têm a dizer disto?

Daniel – Ora, esse é um elemento novo! Até aqui só falámos de chapéus e de calçado, mas agora... calças?

Lis – Estávamos nos anos 70. Eu era muito jovem e Portugal era muito antigo. Eu era muito livre, e Portugal muito opressor. Um dia, vesti umas calças e apresentei-me ao serviço. Quando ia para entrar, ali por aquela porta – foi mesmo ali! – perguntaram-me: “Mas onde é que tu pensas que vais?”, e eu disse: “Ora então, vou trabalhar e já vou atrasada”. Olharam para mim de alto a baixo: “De calças?!”, e eu olhei para eles de alto a baixo e respondi: “Parece-me que não sou a única. Há algum problema?”. Engasgaram-se e disseram-me que nunca tinha entrado ali nenhuma mulher de calças e que tal era proibido. Eu disse: “Então é bom que legalizem nos próximos minutos, porque tenho muito trabalho a despachar.”

António – E depois?

Lis – Depois, entrei, sentei-me, fiz o meu trabalho e no dia seguinte, todas as minhas colegas vieram de calças.

Daniel – Então afinal não havia nenhum problema com as calças! Ora que esta.

Lis – Pois, afinal não havia. O problema maior foi quando me apresentei de mini-saia. Sabem aquela história do gato na sala?

António – Do gato?

Lis – Está um gato a um canto da sala, um mês, dois meses... até que um dia alguém pergunta: “Porque é que está ali um gato?” e ninguém sabe responder, só dizem: “Não sei, sempre esteve ali, julguei que tu sabias”. É a mesma coisa. Ninguém entrava de calças até alguém entrar, ninguém usava mini-saia até alguém usar, ninguém questionava até alguém questionar, ninguém fazia a revolução até alguém fazer.

Daniel – Que lição valiosíssima. Extraordinário! Questionar, desafiar e abrir novos caminhos. (Para António) Caríssimo, importa-se de me substituir nesta minha tarefa de substituir a estátua roubada? Preciso de esticar as pernas e pôr os pés a mexer.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

António – Mas com certeza que sim. *(Para Lis)* Importa-se de ocupar este lugar enquanto me ausento momentaneamente?

Lis – Mas é claro que não me importo. *(Para Daniel)* Importa-se de me substituir aqui, enquanto substituo o cavalheiro que o vai substituir a si?

Daniel – Concordamos, então, em trocar de lugares, sem trocar de personagens?

Lis e António – Concordamos sim. / Mas é evidente.

(Os três atores rodam e trocam de posições)

Lis – Ah, mas isto daqui é outra coisa!

António – E não é que é mesmo? Às vezes uma pessoa tem de mudar de lugar para ver as coisas de outra forma.

Daniel – Completamente. Estou há tantos dias de frente para o Museu do Calçado, que já nem lembrava que havia um mundo nas minhas costas.

Lis – Olhe que é verdade, só podemos compreender realmente o outro, se nos pusermos nos seus sapatos.

António – E se nos pusermos a caminho! É preciso viajar e conhecer.

Daniel – Viajar, conhecer, trocar de sapatos e descobrir que nem todos andam calçados. No mundo árabe, por exemplo, os sapatos são considerados imundos, por isso, descalçam-se para entrar nos locais de culto.

António – Na antiguidade, desenhava-se a imagem do inimigo na palmilha para estarem sempre a pisá-lo.

Lis – Mesmo mais recentemente, em 1991, quando desenharam a imagem de Bush pai no chão de um lugar movimentado, para que toda a população o pisasse quando passasse por ali.

Daniel – Então não nos podemos esquecer daquele episódio com Bush filho, em 2000, quando um jornalista iraquiano lhe atirou com um sapato numa conferência de imprensa e gritou “Isto é um beijo de despedida, pedaço de cão”, ele pegou no sapato e respondeu: “Tudo o que posso dizer é que são do tamanho 42”.

António – Não é curioso como o sapato vai ganhando outros significados à medida que mudamos de lugar? No China, por exemplo, o sapato simboliza a harmonia do casal.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Lis – Se entrarmos por aí, temos de falar da quantidade de mitos sobre os pés e os sapatos das mulheres que continuam a oprimi-las. Sejam as Gueixas a quem envolvem os pés com ligas para que o pé não cresça, seja o mito de que as mulheres com pés estreitos são mais inteligentes, seja até a própria Cinderela com o seu pézinho tão pequenino que não cabe a mais ninguém!

Daniel – Sabem que há uma pessoa muito conhecida da nossa praça que comprava sempre os sapatos uns números abaixo do seu. Sempre que ia experimentar um sapato, era um pesadelo para que lho conseguissem enfiar no pé. Um dia perguntaram-lhe, “Mas se você calça o 43, porque é que insiste comprar o 40? Isso não lhe aperta o pé?”, e ele respondeu: “Aperta, mas não imagina o alívio que sinto quando os descalço”! Bom, é a minha deixa para me fazer à estrada. Meu caro, fica aí no meu lugar?

António – Faça-se ao caminho descansado.

Lis – E também eu vou dar corda aos sapatos. Até à próxima, foi um gosto.

Despedem-se e vão às suas vidas, por caminhos diferentes. António fica no lugar de Daniel, a fazer de estátua.

**Cada um sabe onde
lhe aperta o seu sapato**

ESTAÇÃO 3

Rampa estacionamento

Atores: **Carménia, Maylet, Natália, Rufus**, com a participação especial de **Cláudio**.

No chão vemos desenhado um mapa-mundo. Maylet está na Venezuela, Rufus na Alemanha, Natália em Angola e Carménia em Moçambique. Preparam-se para fazer o jogo Bota-Sapato.

Maylet – Bota!

Carménia – Sapato!

Cada uma dá um passo em direção à outra dizendo “Bota” e “Sapato”, até se pisarem. Enquanto isso:

Natália – Sapato!

Rufus – Bota!

Repetem o jogo, indo ao encontro um do outro.

Maylet – Queres saber a minha vida, calça os meus sapatos!

Carménia – Quanto calças?

Maylet – 38. E tu?

Carménia – Depende.

Nesta altura, Rufus e Natália deverão ter chegado perto um do outro.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Natália – Queres saber a minha vida, calça os meus sapatos!

Rufus – Quanto calças?

Natália – 38. E tu?

Rufus – 45.

Maylet – (*traduzir*) Eu nasci a 6 715km daqui, do outro lado do oceano Atlântico, na Venezuela.

Natália – Eu nasci a 6 424 km daqui, em Angola.

Rufus – (*traduzir*) Eu nasci 2 444km daqui, na Alemanha.

Carménia – (*traduzir*) E eu, a 7 843 km, em Moçambique.

Natália – Para que saibam, Portugal cabe 14 vezes em Angola.

Rufus – A Alemanha tem 8 vezes mais população do que Portugal.

Carménia – Moçambique tem 43 dialetos. 41 são línguas bantu, que são as línguas nacionais.

Maylet – Na Venezuela, demoro mais de oito horas de carro para chegar à praia.

Carménia – Eu demorei 10 horas de voo directo Maputo-Lisboa.

Natália – Eu demorei 7 horas e meia de avião de Luanda para Lisboa, e nunca mais lá voltei, estou cá há 42 anos. Acho que se voltasse não ia conhecer nada. Saí em plena guerra.

Maylet – Eu saí da Venezuela a pé para Colômbia, em Cucuta, e apanhei um avião até Bogota, de Bogota apanhei um avião para Madrid, e de Madrid, apanhei um avião para o Porto.

Rufus – Mas foi um avião! Eu vim de Berlim para São João da Madeira de bicicleta. Demorei várias semanas. Com a chuva, fiquei molhado até às cuecas. Para proteger as meias, pus uns sacos de plástico à volta dos pés, porque as sapatilhas passaram dias sem secar.

Maylet – Da Venezuela a São João da Madeira não dá para vir a pé. É preciso passar por cima de um oceano inteiro. Se viesse a pé, ficava molhada até à cabeça. Na Venezuela tinha muitos tipos de sapatos: salto alto, salto raso, botas, sapatilhas, sandálias, chinelos. Quando estava a preparar-me para mudar toda a minha vida para aqui, pedi à minha filha que fizesse uma mala e pusesse todos os sapatos lá dentro. Quando cheguei a Portugal e abri a mala, apercebi-me de que a minha filha só tinha trazido sapatos dela e do irmão. Todos os meus sapatos ficaram na Venezuela, e eu só tinha o calçado que trazia nos pés.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Rufus – Mas mudaste-te para a cidade certa! Em São João não faltam sapatos!

Natália – Quando era criança e vivíamos em Luanda, fazíamos os nossos chinelos com sola de pneu de carro. Púnhamos o pé em cima do pneu e com uma faca, cortávamos à volta com uma faca. E como andávamos muito a pé, os chinelos rebentavam e punhamos cola. Púnhamos uma pedras em cima à noite, para podermos calçar no dia a seguir. Éramos três filhos e o meu pai não podia gastar dinheiro em calçado caro. Mandavam-nos fazer o nosso calçado ao sapateiro com um ou dois números acima e era para calçar aos domingos. Ele só me comprava outros sapatos quando aqueles ficavam mesmo apertados.

Carménia – Eu tinha uma irmã gémea. Ela era exatamente igual a mim: a mesma altura, os mesmos olhos, os mesmos sinais, mas ela tinha uns pés maiores do que os meus. Quando andávamos na escola primária, o meu pai só tinha dinheiro para comprar um par de sapatos. Então, eu ia à escola de manhã, e ela ia à escola à tarde. Quando chegava a hora de almoço, eu saía da escola e ia a correr para casa para lhe dar os sapatos, para ela ir a correr para a escola. Às vezes atrasava-me e trocávamos os sapatos a meio do caminho. Os sapatos eram um número acima do meu pé, e um número abaixo do pé dela. Nós as duas só tínhamos uns sapatos e não serviam a nenhuma de nós.

Rufus – Eu sempre tive vários sapatos, mas passei a maioria da minha vida de meias. Na Alemanha todas as pessoas descalçam os sapatos antes de entrar em casa.

Na Alemanha, é normal ver-se um monte de sapatos alinhados fora das casas, e ninguém rouba.

Carménia – Ah, eu via isso no meu país, mas era nas Mesquitas!

Rufus – Para nós, o dia 6 de dezembro, é muito importante porque é o dia de São Nicolau. Na véspera, todas as crianças têm de limpar os seus sapatos, e deixá-los bem limpinhos para receberem presentes. Houve um ano em que estava curioso por saber o que aconteceria se não limpasse os meus sapatos. Quando fui ver, em vez de presentes, tinha os sapatos cheios de batatas. Mais tarde, descobri que tinham sido os meus pais, para me castigar por não ter limpo os sapatos.

Eu não trabalho no calçado, mas vim para São João da Madeira para me pôr nos sapatos dos outros. Sou voluntário da Cruz Vermelha e no meu trabalho tenho de saber calçar o sapato, mas não calçar a meia.

Natália – Se me tapassem os olhos e me dessem muitas voltas, eu ia saber sempre que chegasse a São João da Madeira. Basta-me olhar para chaminés de tijolo.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Carménia – Eu cheguei a São João há pouco tempo. Não conheci nenhuma dessas fábricas. Para mim, as chaminés, são o sítio onde as cegonhas fazem o seu ninho. E é em São João da Madeira que estou a tentar construir o meu. Sou um pouco cegonha.

Maylet – Quando cheguei a São João da Madeira, o meu primeiro trabalho foi numa fábrica que não tinha chaminé, mas, da minha janela só via uma chaminé de uma fábrica que já não existia. Eu trabalhava numa máquina e quando tinha de pôr a matéria prima na máquina, inclinava-me. Quando estava calor, via a mãe cegonha a proteger os seus filhos, quando estava frio, via mãe cegonha a aquecer os seus filhos. E eu não me queixei mais do trabalho.

Rufus – É mesmo? Porque, da casa onde estou a morar vejo a mesma chaminé, provavelmente. As cegonhas podem dar a volta ao mundo, mas regres- sam sempre ao mesmo ninho que construíram.

Natália – Eu gostava de ser cegonha para poder sair daqui no inverno. Morro de frio em Portugal. Do que mais tenho saudades é do calor de Angola.

Carménia – E eu do calor de Moçambique!

Maylet – E eu do calor da Venezuela!

Rufus – Eu... bem, eu não me posso queixar. Estou habituado ao frio.

Maylet – (Para Rufus) – Do que é que tens mais saudades?

Rufus – De andar no comboio em Berlim. E tu?

Maylet – Da água da praia! É mais quente e sem ondas. E das frutas!

Natália – Ai as frutas...

Carménia – A mim nem me perguntes, que eu tenho saudades de tudo! Te- nho saudades da comida, ai, o Funge.

Natália – Funge! O meu pai dizia que Funge parecia cola de sapateiro!

Rufus – O que é Funge?

Carménia e Natália começam a explicar, Maylet interrompe para começar a falar de comida e de outras tradições. Rufus vai buscar uma panela com fun- ge. Quando ele chega gritam: funge!!! E começam a bater e a falar cada vez mais. Carménia vai buscar uma coluna com a música “Jerusalema”, cantam durante uns segundos.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Maylet – Eu também quero por uma música da Venezuela!

Maylet põe a tocar “Joropo venezolano”, durante alguns segundos.

Rufus – Eu queria tocar uma música alemã, mas não tenho guitarra!

Natália – Mas eu tenho um namorado, e ele tem uma guitarra!

Natália vai buscar Cláudio, que traz a sua guitarra. Rufus toca uns segundos de “Meine exelodierte freuntin”. Passa a guitarra a Cláudio que toca “La bam-ba” e todos cantam.

ESTAÇÃO 4

Armazém

Atrizes: **Isabel Nogueira, Fernanda, Ivana**

Num armazém, estão sentadas Isabel, Fernanda e Ivana. Vão fazendo uma tarefa, por exemplo, colocar sapatos dentro de caixas, enquanto conversam, lentamente.

Ivana – Eu não pertenço aqui. Sou a filha que pôs todos os sapatos numa mala quando saí da Venezuela, e me esqueci de pôr os sapatos da minha mãe. Não nasci aqui, nunca trabalhei no calçado, aliás, nunca trabalhei, ainda estou a estudar, e também não pertenço a esta cena. No meu lugar devia estar a Laurinda, mas estou a fazer o papel dela, porque na semana passada ela teve de ficar em isolamento profilático. Esta não é a minha história, não é a minha idade, não é o meu tamanho nem o meu peso. Sempre que me ouvirem falar, tentem imaginá-la.

Ivana – Eu nasci nos sapatos.

Isabel – Eu também nasci nos sapatos. Mas nasci sem sapatos.

Fernanda – Sem sapatos nascemos todas. Mas foram os sapatos que nos fizeram.

Ivana – Foram os sapatos que nos fizeram ou fomos nós que fizemos os sapatos?

Isabel – Nós fizemos os sapatos e foram os sapatos que nos fizeram. Da mesma maneira que eu nasci nos sapatos, mas vivia sem sapatos.

(Pausa.)

Ivana – Os meus primeiros sapatos foram aos 13. Foi a minha madrinha que mos deu para eu ir comungar.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Isabel – Os meus foram aos 11. Quando a PSP veio para a Vila de São João da Madeira, proibiram a gente de andar de descalça. Os meus pais compraram-me uns tamancos e eu, com medo que mos roubassem, dormia com eles debaixo da cabeça.

Fernanda – Eu andava sempre descalça, e o patrão atirava as formas aos pés e fazia-me sangue. Um dia fugi. Não voltei mais.

Ivana – A mim batiam-me era nos dedos.

Isabel – Era a mestra que me batia com o martelo nas mãos, mas aprendi e fui gaspeadeira de primeira.

Ivana – Eu comecei como gaspeadeira de segunda.

Isabel – Eu também comecei como gaspeadeira de segunda, mas depois passei para gaspeadeira de primeira.

Ivana – Eu também passei a gaspeadeira de primeira, mas primeiro era preciso começar como segunda. Só com o cartão é que –

Fernanda – Com um cartão de gaspeadeira de primeira, aumentava 5 tostões no ordenado. E eu ainda levava trabalho para casa e ficava noite dentro para ver se entrava mais dinheiro.

Isabel – No calçado ganha-se pouco. É uma arte linda, mas que não dão valor.

Fernanda – Nem os patrões nem ninguém dá valor ao trabalho que um sapato dá.

Ivana – A gente não vive sem patrão, mas ele também não vive sem a gente.

Fernanda – Há mais ingratos que sapatos.

Isabel – Eu tive um patrão que era bom para mim, dava-me o pequeno almoço porque eu passava fome.

Ivana – Passava-se muita fome. Eu, ainda hoje, como tudo da sardinha. Não deixo nada para os gatos. Eu só comia arroz ao domingo. Quando comecei a trabalhar, em criança, fazia recados.

Isabel – Eu, de manhã, ia à escola, e à tarde ia buscar fivelas, pregos e grifar palmilhas.

Fernanda – Eu comecei na chapelaria. Depois a fábrica fechou e fui para os sapatos, como já sabia coser à máquina, foi mais fácil aprender a gaspear. Foram 29 anos de sapatos e 5 anos de chapéus. Faço um sapato do início ao fim.

Ivana – Eu também sei fazer um sapato do início ao fim.

Isabel – Eu, se fosse preciso, também ainda sabia fazer um sapato do início ao fim.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Ivana – Eu era muito perfeitinha, mas não sou despachada. De mim, raramente vinha um sapato para trás.

Fernanda – Mas um sapato bem feito, precisa de tempo. Se for para ficar bem feito.

Ivana – São oito horas nesta posição, se uma pessoa se distrai.

Isabel – Ai, se uma pessoa se distrai!

Fernanda – Eles acham que as máquinas podem substituir a gente. Gostava de ver uma máquina a dar o acabamento.

Ivana – Ui, havia de ser bonito. O acabamento nunca pode ser substituído por uma máquina.

Isabel – Isso é impossível. O acabamento é onde se mima o sapato.

Fernanda – É onde se mima o sapato, exatamente.

Isabel – Depois é preciso embalá-lo.

Fernanda – E depois é preciso despachar as tarifas! Umás em cima das outras e vamos embora.

Isabel – Era, era. As tarifas à cabeça e despachar tudo para os correios e na estação.

Ivana – Levei tanta tarifa à cabeça, andei tanto, tanto, que tinha os sapatos parecia que estavam a pedir pão.

Isabel – Não dava para andar assim tanto porque São João da Madeira é uma ilha, isto é muito pequenino.

Ivana – Ia e voltava, ia e voltava! Quantas vezes.

Fernanda – Andou-se muito e passou-se muito. Mas é como diz o outro: Melhor é sapato roto, que pé formoso.

Ivana – Todo o sapato roto tem a sua história.

Isabel – Todo o sapato lindo, dá um chinelo velho.

Fernanda – Mais vale estragar sapatos que lençóis.

Ivana – Quem espera por sapatos de defunto, toda a vida anda descalço.

Fernanda – O pé do pobre, entra em qualquer sapato.

Isabel – É como diz o outro: Sempre tive pena de mim mesma porque não tinha sapatos, até que um dia encontrei um homem sem pés.

Ivana – Foram vidas amarguradas, mas fizemos tanta coisa bonita.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Fernanda – Foram vidas amarguradas, mas não morríamos de aborrecimento.

Isabel – Foram vidas muito amarguradas, mas gostava mais do que estou a gostar agora da reforma. Quando trabalhava tinha mais saúde, agora ando sempre doente.

Fernanda – É a vida.

Ivana – É a vida.

(suspiram)

Isabel – Eu nasci nos sapatos.

Fernanda – Nascemos todas.

Ivana – É.

ESTAÇÃO 5

Corredor

Atores: **Miguel** e **José Manuel**

Na parede, está uma linha cronológica com todos os momentos importantes das vidas e dos caminhos dos atores. Miguel vai conduzindo o público pelas várias histórias. José Manuel, vestido de carteiro e de bicicleta, vai levando e trazendo envelopes com notícias.

Miguel tem o corpo coberto por sapatos, nas mãos tem sapatos dos outros atores e vai tentando calçá-los enquanto conta a história de cada um.

Miguel – Este é o mapa das nossas vidas. A cronologia dos nossos caminhos. Quando começámos este projeto, ninguém se conhecia. Alguns talvez já se tivessem cruzado no multibanco ou a atravessar a Praça Luís Ribeiro. Alguns sempre viveram nestas ruas, outros acabaram de chegar.

José Manuel – Eu fui dos CTT toda a vida.

Miguel – Podia haver uma ou outra cara conhecida, mas ninguém conhece a vida de uma pessoa até calçar os seus sapatos, não é assim que se costuma dizer? Este é o mapa das nossas 30 vidas, aqui todas misturadas. A cronologia de 30 participantes, 30 pessoas, 30 caminhos, milhares de escolhas, de contratempos, de bifurcações, becos que parecem não ter saída.

José Manuel – Conheço todo os caminhos, os atalhos e os becos sem saída.

Miguel – Eu não. Moro em São João há seis anos. Vim morar para cá por causa da minha filha. O caminho dela tomou conta do meu, que até aí tinha sido tomado pelo meu primeiro filho. Quando ele a viu pela primeira vez, foi... (faz um gesto de união). O meu caminho agora é ajudá-los a fazer e a descobrir os seus, até ao dia em que serão eles a guiar-me por cá. A minha filha trouxe-me para São João da Madeira em outubro de 2015, a data em que nasceu.

José Manuel – A 15 de outubro de 72 foi quando eu comecei como carteiro até 15 de outubro de 2019.

Miguel – Quando o Zé Manel começou a trabalhar, em 1972, já a Isabel tinha 24 anos, tinha dois filhos, e trabalhava desde os 11.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

José Manuel – Eu tinha de andar sempre impecável: da cabeça aos pés. Os sapatos, tinham de andar sempre engraxados, a farda toda a arranjada, o cabelo cortadinho para não sair do boné.

Miguel – Bonés pelo ar quando a Sanjoanense, em 1966, se torna campeã nacional. Na altura, ainda jogava o Almeida – que tem um restaurante ali numa rua...

José Manuel – A Rua Dourado, em frente ao Paris Tropical!

Miguel – Isso. E nessa altura ainda jogava o Sousa, que trabalha na tabacaria Glória.

José Manuel – Foi depois de deixar o futebol, tomou conta das tabacarias Glória que ficavam na Avenida da Liberdade e na Praça Luís Ribeiro!

José Manuel – E ele é meu primo!

Miguel – Nesse ano em que a São Joanense se tornou campeã nacional de futebol a Lis tinha 4 anitos. Durante toda a infância, a mãe vestia-a completamente de branco para a impedir de brincar e de se sujar e calçava-lhe sempre sapatos um número abaixo para a impedir de correr à vontade. Um dia, a Lis fechou-se num galinheiro e pintou-se dos pés à cabeça. Quando chegou a casa, levou a tareia da sua vida, mas foi também nesse dia que descobriu as Belas Artes. Mas ficou com um sério problema no dedo mindinho do pé por ter usado sapatos demasiado apertados. Agora, tem de usar uma prótese de borracha para aliviar as dores, mas a cadela comeu-lhe a prótese há duas semanas.

José Manuel – Um dia, o chefe viu-me com uns cabelos de fora do boné e disse-me para ir cortar o cabelo, como não tinha dinheiro, deu-me 5 escudos. Fui ao barbeiro e, com o que sobrou, comi uma sandes de marmelada. Quando ele me pediu o troco eu disse: o troco não tenho, mas o cabelo está cortado, já posso trabalhar?

Miguel – Eu sou ator profissional, nasci a 14 de fevereiro de 1978-

José Manuel – Foi no ano em que eu fui para a tropa!

Miguel – A minha mãe queria que eu me chamasse Valentim, mas o meu pai trocou-lhe as ideias e deu-me o nome de Miguel. Eu fui para a tropa em 1997, nessa altura já não havia guerras para me tirar a juventude, e me roubar a vida. O mais provável é ter limpo uma das tuas armas.

José Manuel – Estive lá pouco tempo, fui carteiro toda a vida. Andei por estas ruas todas. Os meus pés conhecem esta cidade como a palma das minhas mãos.

Miguel – O António nasceu a 30 de dezembro de 1964, mas o pai só o registou no dia 1 de janeiro de 1965 para que tentar atrasar a sua ida para o Ultramar, caso ainda houvesse guerra nos 18 anos seguintes.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

José Manuel – Dei todas as notícias que possam imaginar. Corri, pedalei, nadei. Fiz tudo para dar a notícia o mais rápido possível. Telegramas, e mais telegramas.

Miguel – Em 1970, no ano em que a Aldina entrou pela primeira vez de calças na fábrica, o Daniel dava o salto para a Suécia com estes sapatos, para fugir à guerra, mas o dinheiro só o deixou chegar até França, onde viveu vários anos.

José Manuel – Na minha vida, dei mais notícias más do que notícias boas. Na altura da guerra, todos os dias trazia más notícias. Já conhecia o envelope, o endereço, e o peso das más notícias. Um dia, entreguei a uma mãe a carta com a morte do seu filho. Senti-a pelo peso. Vi logo do que se tratava. Deixei a carta e quis vir-me logo embora. Ela disse: “Espere. Eu não sei ler. Pode ler para mim?”. Foi um dos momentos mais difíceis da minha vida.

Miguel – Gostava de vos contar as histórias de todas as pessoas que se cruzaram aqui e que estão no espetáculo sem estar

José Manuel – A minha bicicleta era a minha companheira. Toda a gente nos via passar, toda a gente nos conhecia. Um dia, parei para dar um beijo àquela que agora é a minha esposa. Parei a bicicleta no portão, toquei e dei-lhe um beijo. Quando me virei, a minha bicicleta tinha desaparecido. Até hoje! Foi o beijo mais caro da minha vida.

Miguel – Não tenho tempo para vos contar tantas vidas e tantas histórias. Pensar em construir um Museu é tentar guardar no futuro todo o nosso passado.

José Manuel – E fazia isto tudo com as mesmas botas. As botas da farda que tinham de estar sempre impecáveis e engraxadas. Podia estar sem ar, podia estar com fome, podia estar como estivesse que as minhas botas estavam todos os dias engraxadas e impecáveis. E tenho orgulho nisso, na minha farda completa, no meu dever e na minha profissão.

Miguel – Entre bifurcações e decisões, entre pés descalços, sapatos rotos, costas cansadas, encontrámo-nos a meio da estrada.

Gaspeámos histórias, viajámos entre tempos, cruzámos fronteiras, atravessámos continentes e fizemos amigos. Falámos do que fomos e do que gostaríamos de ter sido e imaginámos o mapa que nos leva ao futuro.

Daqui a 3 semanas o José António, que nasceu a 1958, vai nascer duplamente como avô. A sua filha irá trazer ao mundo 2 meninas gémeas verdadeiras. Ele contou-me que as imagina como duas bonecas. E nós, claro, já tratámos de lhes fazer os seus primeiros sapatos.

ESTAÇÃO 6

Varanda

Atores: **Teresa Maia** e **Ana Raquel**

Teresa – Olá a todas e a todos, sejam bem-vindos ao Museu do Calçado.

Ana R. – Nem eu, nem a Teresa somos guias do Museu.

Teresa – E também não somos atrizes!

Ana R. – Sim! Também não somos atrizes.

Teresa – Também não trabalhamos no calçado.

Ana R. – Eu trabalhei, mas é verdade, agora nenhuma de nós trabalha no calçado.

Teresa – E também não sabemos bem o que estamos aqui a fazer.

Ana R. – Exato. Quer dizer, sabemos o que temos para fazer. Mas agora que pensamos melhor, não sabemos bem porque é que nos metemos nisto.

Teresa – E acho que não estou a mentir se disser que estamos as duas com medo.

Ana R. – Estamos. Não é com medo do Museu, é com medo de vocês.

Teresa – Quer dizer, não é medo que nos façam mal. Mas a verdade é que isto de estar aqui a falar, dá algum medo.

Ana R. – E também é preciso que saibam que não tivemos muito tempo para ensaiar.

Teresa – Já que falas nisso, é preciso dizer que este texto que estamos a dizer, só nos foi entregue na semana passada!

Ana R. – Isso não significa que tenha havido poucos ensaios, o problema é que havia muitas histórias.

Teresa – E nas histórias cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato.

Ana R. – Então, durante os ensaios, passávamos horas a falar de sapatos.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Teresa – E de histórias.

Ana R. – E de dores.

Teresa – E de apertos.

Ana R. – E de vidas.

Teresa – E de nós.

Ana R. – E de nós, sim, é verdade. Começávamos a falar de sapatos e acabávamos a falar de nós. De cada história que um sapato conta.

Teresa – E das histórias que nos fizeram chegar até aqui.

Teresa e Ana – E descobrimos que somos muito mais parecidos do que achávamos.

Mesmo quando somos diferentes.

No fundo, no fundo, somos muito mais iguais.

Por mais diferentes que sejamos, todas as pessoas gostam que o seu trabalho seja reconhecido.

Ninguém gosta de ser mal-tratado.

Toda a gente sonha em dar melhores oportunidades aos filhos.

Toda a gente teve sonhos.

Todos se riem quando alguém tropeça.

E por isso é que, por mais diferentes que sejamos, há momentos em que as nossas vozes falam ao mesmo tempo.

Como agora.

Ana R. – Como agora.

Teresa – Sim, como agora.

(Pausa.)

Teresa – Se visitarem o Museu, vão descobrir que esta é a última sala da exposição.

Ana R. – Ao longo do Museu, poderão aprender sobre a história do sapato...

Teresa – O seu processo de fabrico...

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Ana R. – A sua evolução ao longo dos tempos...

Teresa – Até aos grandes estilistas e sapatos que são verdadeiras obras de arte.

Ana R. – E depois, o Museu acaba.

(Pausa.)

Teresa – Não acaba nada.

Ana R. – *(para a Teresa)* Acaba, sim. O Museu acaba.

Teresa – O edifício acaba. Depois desta sala não há mais nenhuma, sim. Mas o Museu-museu não acaba. O Museu do Calçado não acaba porque a história do calçado ainda não acabou. O Museu pode servir para guardar uma parte da história, pode servir para guardar o passado, mas o calçado é presente. O calçado são milhares de pessoas. O calçado é uma indústria inteira. O calçado é esta cidade toda. Somos nós. Mesmo que não trabalhemos no calçado. O calçado são os nossos pais e podem ser os nossos filhos. O calçado é quem nos compra o pão na nossa pastelaria, ou quem paga as aulas de capoeira. É o calçado que nos põe a mexer, que mexe connosco, que mexe com isto tudo. Por isso não se pode dizer que o calçado acaba, porque não acaba. Não. É muito triste pensar nisto dessa forma. É triste pensar que isto poderá ter um fim.

Ana R. – *(para o público)* Quando trabalhei no calçado, cada dia era um castigo, e, no entanto, foram os anos mais felizes da minha vida. Talvez nem todas as pessoas consigam entender isto. Não sei se está aqui alguém que já tenha trabalhado no calçado. Está? Quem trabalhou, talvez saiba do que falo. O cheiro das peles quando se entra na fábrica, a nossa máquina à nossa espera, os desabafos, as amizades, os sapatos a passarem-me pelas mãos. Saber que da minha mão não saía nada mal feito, ver aquele puzzle todo a construir-se, a ganhar dimensão, dar o acabamento, mimar o sapato, até ser embalado. Cada dia era um castigo, oito horas na mesma posição, as intrigas, os abusos de poder, a pressão para ser mais rápida, e, ao mesmo tempo, aquela felicidade toda de estar a fazer um coisa que vai ser útil a alguém, que vai servir, que não vai apertar, que não vai fazer ferida.

Teresa – *(para Ana)* E até quando?

Ana R. – Até quando?

Teresa – Até quando sobreviverá tudo isto? O meu pai era contabilista. Passaram-lhe centenas de empresas pelas mãos, números, balancetes, relatórios, vendas. E também empréstimos, moratórias, insolvências, encerramentos.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Ana R. – É uma fase. Foi sempre assim. E depois dá a volta. Dá sempre a volta. Às vezes demora mais, outras menos. Mas é uma fase.

Teresa – Sabes quanto custa fazer um bom sapato?

Ana R. – Sei quanto custa, e sei como me custa.

Teresa – E podes pagá-lo?

Ana R. – Eu não. Mas há quem possa. Olha que é uma fase.

Teresa – Não consigo imaginar o que é que os chapeleiros sentiram quando a indústria acabou...

Ana R. – Mas um sapato não é um chapéu. Toda a gente consegue andar sem chapéu, mas ninguém consegue andar sem sapato.

Teresa – Tu podes pagar o preço dos sapatos feitos por mãos?

Ana R. – Eu não. Mas há quem possa. Olha que é uma fase.

Teresa – Tenho medo.

Ana R. – De quê?

Teresa – Do futuro.

Ana R. – É não parar de caminhar. É apanhar o caminho dos que vieram antes de nós e continuar a desbravá-lo. É pôr um pé à frente do outro e não parar de caminhar. Seguir caminho.

ESTAÇÃO 7

Exterior da Fábrica

(Sonhos e caminhos)

Atores: **Ana Ferreira, Santiago e André Dias.**

Santiago começa a subir as escadas a correr. Ana aparece atrás dele para o travar.

Ana – Espera! Para onde vais?

Santiago – Não sei. Vou só...

Ana – Mas sabes o caminho?

Santiago – O caminho? Não, eu só queria...

Ana – Então como é que consegues ir tão depressa se não sabes para onde vais?

Santiago – Não sei, eu só estava...

Ana – Desculpa. Tens razão. Deves ir. Eu só estava com medo porque...

Santiago – Mas posso continuar?

Ana – Não sei, acho que sim. É só porque nunca ninguém foi por aí.

Santiago – Por aqui? Nunca ninguém foi por aqui?

Ana – Não. Normalmente paramos aí e depois damos a volta. Nunca ninguém atravessou para esse lado.

Santiago – Então ninguém sabe o que há daquele lado?

Ana – Eu imagino muitas coisas, mas nunca fui.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Santiago começa a andar, novamente, mas agora mais lento. Aparece André.

André – Espera! Mas onde é que ele vai?

Ana – Ele vai atravessar. Vai até ao outro lado.

André – Sabes o caminho?

Santiago – Qual caminho? Eu nem sei bem para onde vou. Estava a pensar atravessar e depois tentar descobrir o que há.

André – Mas tens de saber o caminho. Tens bússola?

Santiago – Bússola?

André – Vais precisar de uma bússola.

Ana – E de um mapa! Tens um mapa? Dizem que só se pode sair daqui com um mapa. Para depois sabermos como voltar.

André – E não podes ir com esse calçado. Vais ficar cheio de bolhas.

Santiago – Mas eu posso parar para descansar. Não estou com pressa para chegar a lado nenhum, a sério.

André – Nem pensar. Se vais sair, tens de andar depressa para fora daqui, ainda mudas de ideias e depois...

Ana – Não tem de ser assim tão depressa, ainda te perdes e depois não sabes como voltar para trás.

Santiago – Mas eu não sei se quero voltar para trás.

Ana – Não queres?

André – Não queres voltar? Olha que é sempre importante sabermos o lugar de onde partimos.

Ana – É importante saber o lugar de onde partimos, sim. O problema é que quando ficas demasiado tempo nesse lugar, começam a crescer-te raízes nos pés.

Santiago – Raízes?

André – Sim, se ficares muito tempo num lugar, começam a crescer raízes nas plantas dos pés, furam as solas dos sapatos, e começam a perfurar a terra. Já me aconteceu. Por isso é que, de tempos a tempos, mudo de lugar.

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Ana – A mim também já me aconteceu. Queres ver as minhas? Quando tinha a tua idade achava que podia voar. Mas como não parti na altura certa, em vez de asas, começaram a crescer-me raízes.

André – As minhas raízes são portáteis. Eu não sou daqui, sabias?

Santiago – Não és daqui?

Ana – Não és daqui?

André – Não. Pus-me a caminho do sítio onde nasci. Mas foram-me crescendo raízes nos sítios por onde passei. Faço longas caminhadas, mas as raízes estão sempre atrás de mim.

Santiago – Eu ainda não sinto as minhas raízes a crescer. Sinto é um formigueiro nas omoplatas.

Ana – São asas. Deixa ver. (*olha para as costas do Santiago*) Pois é. São umas asitas que te estão a crescer aqui. Vê-se bem. Uma de cada lado.

André – Asas? Isso é impossível. Nunca vi uma coisa dessas.

Ana – Tenho a certeza. São umas asas, são. Já me aconteceu. Quando tinha a idade dele também me começaram a nascer umas, sempre que dançava. Eu queria ter sido bailarina, mas depois fui para os sapatos. As asas começaram a desaparecer e passei a ganhar magia nas mãos.

Santiago – Magia nas mãos? O que é isso?

Ana – É tocares numa coisa e ela transformar-se. Nunca viste?

Santiago – Não.

Ana – Não acontece a todos. Tenho mãos mágicas. Por isso é que as minhas asas não cresceram mais, comecei a desenvolver as mãos. E quanto mais magia me saía das mãos, mais raízes me cresciam nos pés.

André – (*para Santiago*) Acho que não deves perder tempo. Deves ir rapidamente.

Ana – Achas que lhe podem crescer raízes?

André – Acho que se queres descobrir o que está do outro lado, deves ir.

Ana – Mas vai deixando migalhas no chão. Para depois conseguires voltar.

André – Não te preocupes, os caminhos têm sempre dois sentidos. Ele vai e depois há-de descobrir o caminho de regresso. Eu descobri sempre, e eu faço muitos caminhos. No meu lugar, todos os dias são iguais ao anterior. Por isso é que me faço à estrada, de tempos a tempos. Estico as raízes, desoriento-me.

Santiago – E se eu não quiser voltar?

Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato

Ana – E o que é que gostavas de fazer?

Santiago – Gostava que me crescessem as asas de tanto dançar.

André – Como é que te chamas?

Santiago – Santiago.

André – É o nome de um caminho.

Ana – Deves ir. Tens o mundo todo à tua espera.

Santiago – E se não correr bem?

Ana – Voltas.

Santiago parte. Tempo.

André – Queres ir espreitá-lo?

Ana – Quero ver onde vai dar esse caminho.

Ana e André caminham lentamente na direção onde Santiago seguiu.